

## **Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry**

Olga Cunha  
Rui Abrunhosa Gonçalves  
Escola de Psicologia, Universidade do Minho

### **Resumo**

*Buss e Perry (1992) desenvolveram um instrumento composto por 29 itens para avaliar comportamentos agressivos, o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ). Neste estudo analisaram-se a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas de uma versão portuguesa deste Questionário numa amostra de 633 estudantes do Norte de Portugal. A análise fatorial exploratória confirmou a estrutura fatorial de quatro fatores definida por Buss e Perry (1992): agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade. A escala evidenciou boa consistência interna, com exceção do fator agressividade verbal. Na análise confirmatória verificou-se uma replicação moderada dos fatores agressividade física, raiva e hostilidade e uma modesta replicabilidade da agressividade verbal. O instrumento evidencia igualmente uma boa capacidade discriminante, verificando-se diferenças entre os sexos, com exceção da hostilidade. Os resultados foram discutidos com base na utilidade do AQ para a prática clínica e forense.*

*Palavras-chave:* Análise confirmatória, Análise exploratória, Consistência interna, Questionário de agressividade.

### **Abstract**

*Buss and Perry (1992) developed a questionnaire composed by 29 items to evaluate aggressive behaviours, the Buss-Perry Aggression Questionnaire (AQ). In this study we analysed the factorial structure and psychometric properties of a Portuguese version of the AQ in a sample of 633 students from the North of Portugal. Factorial analysis confirmed the Buss and Perry (1992) four-factor structure: physical aggression, verbal aggression, anger and hostility. The scale showed good internal reliability, except on the verbal aggression factor. Confirmatory factor analysis revealed a moderate factor replication in physical aggression, anger and hostility and a modest replication on verbal aggression. The instrument was good enough to discriminate adequately males from females, showing differences between genders on physical aggression, verbal aggression and anger. No differences were*

---

Nota do autor: Durante a realização deste trabalho, a autora recebeu apoio financeiro da F.C.T. (SFRH/BD/66110/2009/).

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Olga Cunha; Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga; E-mail: olgacunha27@hotmail.com

*found in the hostility factor. Results are discussed concerning the utility of the AQ both in clinical and forensic settings.*

*Key-words:* Aggression questionnaire, Confirmatory analysis, Exploratory analysis, Internal reliability.

## Introdução

A agressividade é uma característica da personalidade de extrema importância quer para a prática clínica quer para a investigação (Harris, 1995). Vários autores (e.g., Laplanche & Pontalis, 1970; Leigh, Pare, & Marks, 1981) concordam que se trata de um traço da personalidade que pode ter várias formas de expressão visando, em todo o caso, o dano a outrem, a sua destruição, coação ou humilhação. Por sua vez, a agressão é o comportamento que resulta em danos pessoais e destruição física, envolvendo fatores de classificação social que conduzem a rotular um determinado comportamento como agressivo ou não (Matos, 2004). Se outrora e muito por força da corrente psicanalítica clássica estava reservado o termo agressividade para o traço, tendência ou dimensão da personalidade, posteriormente, os termos agressividade e agressão afirmaram-se na literatura como intermutáveis, prevalecendo, contudo, na atualidade o termo agressão (e.g., Bandura, 1973; Berkowitz, 1962, 1993; Dollard, Doob, Miller, Mowrer, & Sears, 1939). Deste modo, no presente texto, os dois termos serão utilizados como sinónimos.

Atualmente, muito do trabalho realizado ao nível da agressividade enfatiza o papel da agressão física, da agressão verbal, da raiva e da hostilidade como substratos numa conceptualização global da agressividade (Buss & Durkee, 1957; Buss & Perry, 1992; Harris, 1995). A agressão verbal e física representam a componente instrumental ou motora do comportamento. A raiva envolve excitação fisiológica e preparação para a agressão e representa a componente emocional ou afetiva do comportamento. Por fim, a hostilidade consiste em sentimentos de má vontade ou injustiça e representa a componente cognitiva do comportamento (Buss & Perry, 1992). Em suma, esta perspetiva assume a agressividade como um constructo tripartido: instrumental, afetivo e cognitivo.

Com o propósito de encontrar os componentes teóricos da agressão, Buss e Durkee (1957) desenvolveram o Inventário de Hostilidade Buss-Durkee (BDHI). No entanto, por este instrumento apresentar propriedades psicométricas pouco satisfatórias, Buss e Perry (1992) desenvolveram posteriormente o Questionário de Agressividade (AQ), composto por 29 itens, que se apresenta como uma versão melhorada do BDHI. A análise fatorial exploratória do instrumento revelou quatro fatores de agressividade: agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade (Buss & Perry, 1992). Os fatores, no que respeita à fidelidade, revelaram uma boa consistência interna. Assim, da análise decorreram os seguintes *alphas* de Cronbach: .85 para a agressividade física, .72 para a agressividade verbal, .83 para a raiva, .77 para a hostilidade e .80 para a escala total. A fidelidade teste-reteste também revelou índices satisfatórios, que variaram entre .72 e .80. A validade discriminante do instrumento decorreu das correlações dos substratos com outros instrumentos e do facto de se observarem diferenças significativas entre os sexos. Do mesmo modo, Buss e Perry (1992), na análise confirmatória, concluíram que o modelo dos quatro fatores revelou um bom ajustamento dos dados.

Estes resultados vêm-se mostrando relativamente consistentes nas suas diferentes traduções (e.g., Bernstein & Gesn, 1997; Fossatti, Maffei, Acquarini, & Di Ceglie, 2003; Harris, 1995; Ramirez, Andreu, & Fujihara, 2001; Simões, 1993). Ainda assim, e apesar da sua ampla divulgação, permanecem dúvidas quanto ao potencial de aplicação do instrumento (e.g., Bryant & Smith, 2001; Gerevich, Bácskai, & Czobor, 2007).

Em Portugal, Simões (1993) elaborou uma primeira tradução do AQ, seguida do seu estudo de validação, realizando ainda uma investigação com o objetivo de identificar diferenças entre homens e mulheres na expressão da agressividade. Nessa investigação o autor aplica um procedimento estatístico semelhante ao do estudo de Buss e Perry (1992) obtendo uma estrutura fatorial que se sobrepõe no geral à do estudo original, com diferenças sobretudo no fator da agressividade verbal, que “perde” itens, quer por transferência para outros fatores quer por baixa saturação. Também do ponto de vista da fidelidade o valor do *Alfa de Cronbach* para a agressividade verbal (.60) é francamente baixo por comparação aos outros fatores e ao total, variando aí entre .73 (hostilidade) e .87 (total da escala). Na comparação entre géneros, Simões (1993) apura também alguns resultados controversos, assinalando a existência de diferenças entre os géneros – homens mais agressivos fisicamente do que as mulheres – mas de fraca magnitude (apenas 1% da variância explicada), o que em parte poderá ser devido à elevada assimetria da amostra (39 indivíduos do sexo masculino contra 186 do sexo feminino).

Posteriormente, surgiram outros estudos nacionais com o AQ (e.g., Arriaga, Esteves, & Monteiro, 2004; Rego & Sani, 2005; Sousa, Baúto, Rodrigues, Soeiro, & Almeida, 2010; Vieira & Soeiro, 2002), nem sempre com versões coincidentes do instrumento, correspondendo assim a diferentes traduções e alinhamento dos itens. Apenas no artigo de Simões (1993) houve um estudo psicométrico do instrumento e nas utilizações posteriores foram seguidas nalguns casos as indicações aí referidas, enquanto noutros os autores recorreram a traduções próprias sem ter havido o cuidado de proceder a um estudo psicométrico atualizado do mesmo.

No presente estudo analisaram-se a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do AQ numa amostra de estudantes universitários portugueses, tendo por base a aferição realizada por Simões (1993), também ela com uma amostra de estudantes universitários, e o estudo original que contou igualmente com uma amostra de estudantes de psicologia dos primeiros anos, com idades maioritariamente compreendidas entre os 18 e 20 anos (Buss & Perry, 1992). O objetivo do nosso estudo foi tentar validar uma versão do AQ o mais próxima da versão original e da versão que constituiu o trabalho da aferição portuguesa realizado por Simões (1993). Mais concretamente, melhorar o instrumento naquilo que é a sua tradução e adaptação a partir do original, testar as suas características psicométricas, melhorar/colmatar fragilidades anteriormente reportadas, e finalmente apresentar resultados de um instrumento mais ajustado ao contexto português (por comparação a dados de validação previamente publicados).

A diferença essencial entre a presente amostra e a amostra de aferição portuguesa de Simões (1993) assenta na sua dimensão (633 participantes contra 226, respetivamente) e na representatividade dos sexos (231 homens contra 39 e 402 mulheres contra 186, respetivamente), facto que o próprio autor não deixa de salientar como limitativo de algumas das suas conclusões.

De forma genérica, com este estudo pretendeu-se analisar a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas da escala numa amostra de estudantes portugueses e perceber em que medida é que a estrutura fatorial descrita por Buss e Perry (1992) é generalizável a esta população, analisando-se, para tal, a constância da estrutura dos fatores (Gerevich, Bácskai, & Czobor, 2007).

## **Metodologia**

### *Amostra*

A amostra foi constituída por 633 estudantes universitários, 231 do sexo masculino (36,5%) e 402 do sexo feminino (63,5%). 605 eram solteiros (95,6%), 23 casados ou vivem em união de facto (3,6%) e

4 divorciados (0,6%). A amostra distribui-se pelos seguintes cursos: Psicologia ( $n=250$ ; 39,5%), Criminologia ( $n=116$ ; 18,3%), Medicina ( $n=92$ ; 14,5%), Engenharia Informática ( $n=81$ ; 12,8%), Física ( $n=39$ ; 6,2%), Direito ( $n=31$ ; 4,9%) e Ciências da Saúde ( $n=24$ ; 3,8%). De acordo com a nomenclatura atualmente vigente, 483 sujeitos frequentam o 1º ciclo (76,3%), 129 o 2º ciclo (20,4%) e 21 o 3º ciclo (3,3%). A média de idades situou-se nos 21,54 anos ( $dp=4,68$ ), variando entre um mínimo de 17 anos e um máximo de 53 anos.

### *Instrumento*

O Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ) é uma escala do tipo *likert* em que um total de 29 itens está associado a respostas que variam entre 1 (Nunca ou quase nunca) e 5 (Sempre ou quase sempre). A escala é constituída por quatro subescalas: agressividade física (9 itens), agressividade verbal (5 itens), raiva (7 itens) e hostilidade (8 itens). Os scores das diferentes subescalas foram obtidos através da média dos itens que compõem cada subescala e o score total foi obtido a partir da média da soma dos 29 itens.

### *Procedimento*

A versão do instrumento utilizada no presente estudo compreende elementos de duas das traduções portuguesas da escala (Simões, 1993; Vieira & Soeiro, 2002), procurando-se, desta forma a consistência ao nível da tradução da mesma. Neste âmbito, procedeu-se a uma tradução da versão original e posterior retroversão (realizadas por dois nativos portugueses fluentes em Inglês), tendo ainda sido comparada a tradução dos itens com as duas traduções do instrumento existentes.

De seguida, o instrumento foi administrado coletivamente, em contexto de sala de aula, tendo os participantes sido informados do objetivo do estudo, do caráter voluntário do mesmo, bem como da confidencialidade e anonimato dos resultados.

## **Resultados**

Inicialmente procedeu-se a uma análise a distribuição das respostas em cada um dos itens do QA. Da análise resultou que nenhum dos itens apresentou uma frequência excessiva numa opção específica, sendo que, de forma genérica, todas as categorias de resposta foram selecionadas. As médias dos itens situaram-se entre 1.24 e 2.77, sendo que apenas o item 4 apresentou uma média ( $M=4.03$ ) fora daquele intervalo (Cf. Tabela 1), encontrando-se enviesado para o extremo positivo da escala de resposta. De igual forma, e, uma vez que a escala de resposta era constituída por 5 pontos, os valores dos desvios padrão, na sua maioria próximos ou mesmo superiores à unidade, parecem evidenciar uma adequada variabilidade nas respostas. Ainda assim, os valores de assimetria e curtose dos itens revelaram ausência de normalidade da amostra, o que é corroborado pelos resultados dos testes de normalidade (Shapiro-Wilk=.958 (632),  $p<.001$ ). Foram ainda calculadas as médias para as subescalas de agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade e para o total da escala (cf. Tabela 1). No que concerne à consistência interna, os valores do *Alfa de Cronbach* para a escala total ( $\alpha=.88$ ) revelaram-se muito bons. Por sua vez, as subescalas de raiva ( $\alpha=.79$ ), agressividade física ( $\alpha=.76$ ) e hostilidade ( $\alpha=.76$ ), mostraram-se respeitáveis. Já o *alfa* da subescala agressividade verbal ( $\alpha=.56$ ) revelou-se inaceitável. Analisadas as correlações entre as subescalas e o total da escala foram encontradas correlações elevadas ( $r>.70$ ).

Tabela 1

*Estatística descritiva para cada item no Questionário de Buss-Perry*

Itens do AQ	Média (N=633)	Desvio- -padrão	Mínimo- -máximo
1. Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso	1.58	.88	1-5
2. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o	1.87	1.02	1-5
3. Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão	2.32	.96	1-5
4. Quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente	4.03	.84	1-5
5. Já fiquei tão zangado que parti coisas	1.77	1.05	1-5
6. Não consigo evitar discutir com as pessoas quando elas discordam de mim	2.14	.94	1-5
7. Pergunto-me porque é que às vezes me sinto tão amargo com as coisas	2.23	1.10	1-5
8. De vez em quando não consigo controlar a vontade de bater noutra pessoa	1.33	.77	1-5
9. Sou uma pessoa extremamente calma	2.51	1.06	1-5
10. Fico desconfiado de estranhos muito amáveis	3.04	1.08	1-5
11. Já ameacei pessoas que conheço	1.46	.84	1-5
12. Exalto-me facilmente, mas passa-me depressa	2.65	1.11	1-5
13. Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa	1.69	.99	1-5
14. Quando as pessoas me irritam, chego a dizer-lhes o que penso delas	2.77	1.11	1-5
15. Às vezes fico cheio de ciúmes dos outros	1.84	.96	1-5
16. Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém	2.81	1.45	1-5
17. Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo	2.34	1.09	1-5
18. Tenho dificuldades em controlar o meu feitio	2.25	1.12	1-5
19. Quando fico frustrado, mostro a minha irritação	2.73	1.04	1-5
20. Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas	2.07	1.03	1-5
21. Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas	2.62	.89	1-5
22. Se alguém me bate, bato-lhe também	2.73	1.43	1-5
23. Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir	2.17	1.16	1-5
24. As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades	2.10	.96	1-5
25. Houve pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a “vias de facto”	1.61	.91	1-5
26. Sei de “amigos” que falam de mim	2.16	1.07	1-5
27. Os meus amigos dizem que gosto de me meter em discussões	1.47	.83	1-5
28. Às vezes perco o controlo sem razão alguma	1.60	.89	1-5
29. Meto-me em brigas mais vezes que a maioria das pessoas	1.24	.66	1-5
AQ Total	63.15	14.29	34-129
Agressividade Física	16.52	5.75	9-44
Agressividade Verbal	13.03	2.80	6-23
Raiva	15.50	4.82	7-34
Hostilidade	18.10	5.05	8-36

De seguida, por forma a determinar quantas dimensões do constructo agressividade são medidas pelo AQ, procedeu-se à divisão aleatória da amostra ( $N=633$ ) em duas amostras distintas e, posteriormente foram realizadas análises fatoriais confirmatórias e exploratórias em ambas as amostras. Neste âmbito, as análises confirmatórias foram conduzidas com a amostra 1 ( $N=320$ ) e as análises exploratórias foram realizadas com a amostra 2 ( $N=313$ ).

Assim, com o intuito de testar formalmente e validar a estrutura fatorial proposta por Buss e Perry (1992), foi conduzida uma análise confirmatória, recorrendo ao *software* AMOS. A estrutura hipotética do AQ testada é constituída por quatro fatores intercorrelacionados entre si: agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade; e entre cada dois dos quatro fatores (cf. Figura 1).

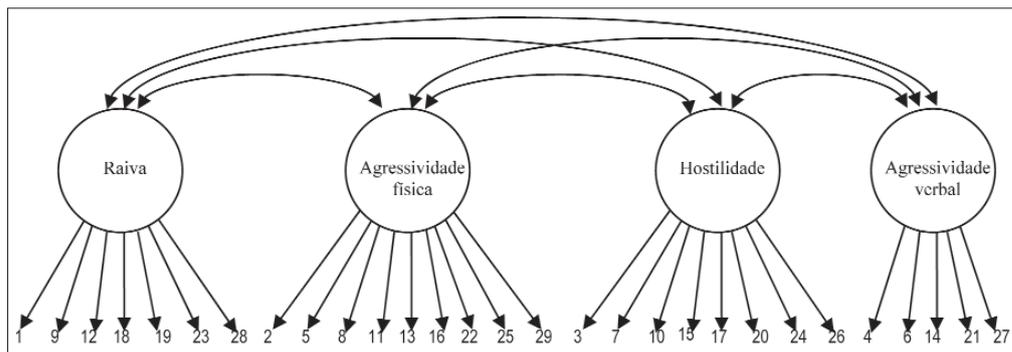


Figura 1. Representação gráfica do modelo do AQ

Nesta análise considerou-se o valor de  $\chi^2$  para averiguar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a matriz da covariância dos dados observados e a matriz da covariância implícita do modelo (Byrne, Stewart, & Lee, 2004; Hu & Bentler, 1999). Assim, o modelo multidimensional do AQ apresentou um valor de  $\chi^2$  (371) 1038,757 ( $p=.000$ ), sendo que o valor significativo de  $\chi^2$  indica um reduzido ajustamento do modelo. Ainda assim, este valor não é de estranhar tendo em conta a sensibilidade da amostra à violação da normalidade multivariada (Maia, 1996). Por sua vez, os *fit indices* revelaram um ajustamento moderado do modelo com um valor de *goodness of fit index* (GFI) de 0.80, um valor de *adjusted goodness of fit index* (AGFI) de 0.77 e um valor de *comparative fit index* (CFI) de 0.78. Para Hu e Bentler (1999) o valor do CFI deve ser  $>0.90$ , mas idealmente  $>0.95$ , para que o modelo seja considerado ajustado, pelo que, tendo em conta o valor de CFI obtido (0.78), o modelo apenas revela um ajustamento moderado. Ainda assim, o *root mean square residual* (RMSEA) foi de 0.07, com um intervalo de confiança de 90% entre 0.07 e 0.08. De acordo com Browne e Cudeck (1993), um valor de RMSEA entre 0,05 e 0.08 traduz um erro de aproximação reduzido.

Na leitura dos parâmetros estimados, verificou-se que nenhuma correlação é superior a 1 ou inferior a -1, e não se observaram variâncias negativas, possuindo assim os parâmetros esperados. As correlações entre os quatro fatores foram positivas e significativas ( $p<.001$ ), conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2

*Correlações entre as subescalas do QA*

	Agressividade verbal	Raiva	Hostilidade
Agressividade física	.78 $\pm$ .05	.68 $\pm$ .04	.57 $\pm$ .05
Agressividade verbal	-	.85 $\pm$ .04	.79 $\pm$ .04
Raiva	-	-	.85 $\pm$ .04

Os valores dos pesos fatoriais estandardizados, dos erros padrão e do teste *Z* dos itens são apresentados na Tabela 3. Com exceção dos itens 4, 16, 6, 14, 9, 1, 3 e 10, os restantes apresentaram pesos fatoriais de elevada grandeza ( $>0,50$ ). Os pesos fatoriais foram tendencialmente superiores para as escalas de agressividade física, hostilidade e raiva. Os itens 22, 27, 23 e 7 foram os que melhor representaram as subescalas agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade, respetivamente.

Tabela 3

*Estimativas dos pesos fatoriais, erro padrão e teste estatístico (Z)*

Fator	Itens AQ	Estimativa	Erro	Z
Raiva	1. Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso	.45	.04	12.82
	9. Sou uma pessoa extremamente calma	.47	.04	10.75
	12. Exalto-me facilmente, mas passa-me depressa	.62	.04	14.19
	18. Tenho dificuldades em controlar o meu feitiço	.76	.04	18.08
	19. Quando fico frustrado, mostro a minha irritação	.57	.04	14.03
	23. Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir	.83	.04	19.33
	28. Às vezes perco o controlo sem razão alguma	.56	.03	16.33
Agressividade física	2. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o	.69	.04	18.15
	5. Já fiquei tão zangado que parti coisas	.52	.04	12.44
	8. De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa	.45	.03	15.42
	11. Já ameacei pessoas que conheço	.58	.03	18.71
	13. Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa	.73	.04	20.20
	16. Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém	.35	.06	5.78
	22. Se alguém me bate, bato-lhe também	.74	.06	13.22
	25. Houve pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a “vias de facto”	.62	.03	18.29
	29. Meto-me em brigas mais vezes que a maioria das pessoas	.41	.03	16.29
Hostilidade	3. Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão	.33	.04	8.22
	7. Pergunto-me porque é que às vezes me sinto tão amargo com as coisas	.69	.04	16.33
	10. Fico desconfiado de estranhos muito amáveis	.32	.05	6.93
	15. Às vezes fico cheio de ciúmes dos outros	.46	.04	11.62
	17. Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo	.67	.04	15.66
	20. Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas	.73	.04	18.76
	24. As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades	.67	.04	18.48
	26. Sei de “amigos” que falam de mim	.53	.04	12.23
Agressividade verbal	4. Quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente	.03	.04	.76
	6. Não consigo evitar discutir com as pessoas quando elas discordam de mim	.51	.04	12.85
	14. Quando as pessoas me irritam, chego a dizer-lhes o que penso delas	.49	.05	10.29
	21. Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas	.47	.04	12.60
	27. Os meus amigos dizem que gosto de me meter em discussões	.51	.03	14.90

Com especial atenção nos resultados obtidos na análise confirmatória (moderado ajustamento do modelo proposto por Buss e Perry (1992) foi, posteriormente, realizada a análise factorial exploratória na amostra 2, tendo como objetivo central analisar se efetivamente a estrutura teórica proposta por Buss e Perry (1992) é replicada na amostra apresentada. Para tal, e à semelhança do estudo original (Buss & Perry, 1992), foi utilizado o método de componentes principais para a extração dos fatores, com rotação Oblimin.

A análise factorial exploratória revelou fatoriabilidade da matriz de correlações, quer no teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), quer no teste da esfericidade de Bartlett. O teste KMO apresentou um valor de 0.865, o qual é considerado um bom indicador, enquanto que no teste de Bartlett o nível de significância é de 0.00, o que garante correlações entre as variáveis.

A análise exploratória fatorial, forçando quatro fatores, por forma a garantir a estrutura fatorial do instrumento original, revelou os quatro fatores do instrumento original, ainda que não se apresentassem na mesma ordem. Os fatores raiva, agressividade física, hostilidade e agressividade verbal explicaram 24,54%, 8,21%, 6,32% e 5,55% do total da variância dos 29 itens da escala, respetivamente. Os quatro fatores explicaram 44,61% da variância total.

Os resultados da análise fatorial exploratória encontram-se sintetizados na Tabela 4. O primeiro fator identificado na análise, raiva, que corresponde ao fator 3 no estudo original, revelou valores de saturação elevados ( $>0.35$ ), mostrando uma boa replicação do fator original reportado por Buss e Perry (1992). Mesmo assim, é de referir que três dos seus itens (item 1, 18 e 23) saturaram igualmente noutros fatores. O segundo fator, agressividade física, que corresponde ao fator 1 no estudo dos autores originais, também apresentou valores de saturação elevados, ainda que 4 itens (item 8, 22, 25 e 29) tenham apresentado saturações igualmente satisfatórias noutros fatores. O fator 3, hostilidade, correspondente ao fator 4 na escala de Buss e Perry (1992) evidenciou, de forma idêntica ao estudo original, valores elevados de saturação. Mais uma vez, dois dos itens (item 7 e 10) que compõem a subescala hostilidade apresentaram saturações satisfatórias noutras subescalas. Por sua vez, o fator 4, agressividade verbal, que corresponde ao fator 2 na escala original, apresentou valores de saturação aceitáveis em três dos seus itens, enquanto que dois itens (item 6 e item 27) não revelaram saturação neste fator, o que evidencia uma reduzida replicação deste fator face ao estudo original. Neste sentido, é possível concluir que a atribuição original dos itens às suas subescalas evidencia algumas exceções face à estrutura proposta por Buss e Perry (1992).

Tabela 4

*Análise fatorial exploratória*

Fator	Itens AQ	Saturação (N=313)			
		Fator 1 Raiva	Fator 2 Ag. Fís.	Fator 3 Host.	Fator 4 Ag. Verb.
Raiva	1. Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso	.43*	.57*	.24	.13
	9. Sou uma pessoa extremamente calma	.59*	.12	.01	-.08
	12. Exalto-me facilmente, mas passa-me depressa	.60*	.24	.27	.27
	18. Tenho dificuldades em controlar o meu feitio	.74*	.20	.37*	.01
	19. Quando fico frustrado, mostro a minha irritação	.66*	.22	.23	.30
	23. Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir	.65*	.44*	.43*	.16
	28. Às vezes perco o controlo sem razão alguma	.70*	.27	.25	-.23
	Agressividade física	2. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o	.11	.71*	.28
5. Já fiquei tão zangado que parti coisas		.23	.52*	.19	.17
8. De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa		.39*	.59*	.22	-.26
11. Já ameacei pessoas que conheço		.27	.70*	.25	.16
13. Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa		.19	.78*	.19	.22
16. Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém		.05	.39*	-.01	-.07
22. Se alguém me bate, bato-lhe também		.07	.60*	.14	.43*
25. Houve pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a "vias de facto"		.24	.67*	.36*	.03
29. Meto-me em brigas mais vezes que a maioria das pessoas		.41*	.61*	.17	-.31

cont. →

Tabela 4 (cont.)

Fator	Itens AQ	Saturação (N=313)			
		Fator 1 Raiva	Fator 2 Ag. Fis.	Fator 3 Host.	Fator 4 Ag. Verb.
Hostilidade	3. Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão	.02	.15	.50*	.14
	7. Pergunto-me porque é que às vezes me sinto tão amargo com as coisas	.50*	.20	.63*	.07
	10. Fico desconfiado de estranhos muito amáveis	-.03	.12	.46*	.36*
	15. Às vezes fico cheio de ciúmes dos outros	.27	.17	.44*	-.15
	17. Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo	.21	.12	.72*	-.06
	20. Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas	.30	.22	.78*	-.09
	24. As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades	.29	.25	.72*	-.14
Agressividade verbal	26. Sei de “amigos” que falam de mim	.21	.22	.60*	.05
	4. Quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente	.04	.08	-.07	.60*
	6. Não consigo evitar discutir com as pessoas quando elas discordam de mim	.45*	.33	.35	.13
	14. Quando as pessoas me irritam, chego a dizer-lhes o que penso delas	.40*	.34	.24	.51*
	21. Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas	.31	.27	.37*	.39*
	27. Os meus amigos dizem que gosto de me meter em discussões	.47*	.46*	.21	-.22

Para averiguar a validade discriminante do instrumento foram analisadas as diferenças de médias entre os sexos em relação a cada um dos fatores que compõe a escala de agressividade. Neste sentido (v. Tabela 5), verificou-se que os participantes do sexo masculino apresentaram resultados significativamente mais elevados que os do sexo feminino nas escalas de agressividade física [ $t(631)=8.67$ ,  $p>.001$ ] e de agressividade verbal [ $t(631)=2.37$ ,  $p>.05$ ]. Na escala hostilidade, ainda que os homens apresentassem resultados superiores aos das mulheres, estes não evidenciaram diferenças significativas [ $t(631)=1.03$ , n.s.]. Na escala raiva as mulheres apresentaram resultados significativamente mais elevados que os do sexo masculino [ $t(631)=-3.04$ ,  $p>.01$ ]. A magnitude do efeito indica uma associação forte entre a agressividade física e o sexo masculino (Cohen  $d=0.7$ ), enquanto para a raiva e para a agressividade verbal a associação é pequena (Cohen  $d=0.25$ ; Cohen  $d=0.19$ , respetivamente).

Tabela 5

Médias, desvios-padrões, diferenças e magnitudes para o AQ

Fator	Masculino (n=231)		Feminino (n=402)		$t(631)^1$	Cohen $d$	$r$
	$M$	$DP$	$M$	$DP$			
Raiva	14.74	4.56	15.94	4.92	-3.04**	0.25	0.13
Agressividade Física	18.99	5.99	15.09	5.09	8.67***	0.70	0.33
Hostilidade	18.37	5.08	17.94	5.06	1.03	0.09	0.04
Agressividade Verbal	13.38	2.79	12.84	2.79	2.37*	0.19	0.10
Escala Total	65.33	14.19	61.81	14.11	3.01**	0.31	0.13

Nota. \* $p<.05$ ; \*\* $p<.005$ ; \*\*\* $p<.001$ .

Por fim, atendendo a que na análise fatorial exploratória dois itens (item 6 e 27) apresentaram valores de saturação muito baixos ou mesmo negativos no fator a que deveriam por definição pertencer (agressividade verbal) considerou-se realizar dois procedimentos estatísticos adicionais numa tentativa de ajustar e melhorar o modelo: (1) considerar esses dois itens no fator raiva, tendo em atenção o coeficiente de saturação e a afinidade de conteúdo dos itens; (2) retirar os itens da análise. Assim, quando considerados os dois itens no fator raiva os índices *fit* revelaram valores semelhantes aos do modelo inicialmente testado (GFI=.80; AGFI=.77; CFI=.77). Retirados os dois itens, verificou-se um ligeiro aperfeiçoamento do modelo inicial (GFI=.83; AGFI=.80; CFI=.80), todavia os *fit* índices obtidos refletem apenas um ajustamento moderado do modelo.

## Discussão dos resultados

Com o presente estudo pretendeu-se analisar, à semelhança de outros estudos (e.g., Collani & Werner, 2005; Gerevich et al., 2007; Harris, 1995; Meesters, Muris, Bosma, Schouten, & Beuving, 1996; Nakano, 2001), a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do Questionário de Agressividade (Buss & Perry, 1992) numa amostra de estudantes universitários Portugueses, recorrendo para tal à análise fatorial confirmatória.

De uma forma geral, os resultados do presente estudo apontam no mesmo sentido de estudos anteriores realizados com a mesma escala e em diferentes línguas (e.g., Collani & Werner, 2005; Gerevich et al., 2007; Harris, 1995; Meesters et al., 1996; Rodríguez, Fernández, & Gómez, 2002). Assim, os resultados da análise fatorial confirmatória permitiram replicar, ainda que moderadamente, a estrutura dos quatro fatores, definida *a priori* na análise de Buss e Perry (1992). De forma genérica, os resultados da nossa análise indicaram que, similarmente ao estudo original de Buss e Perry (1992) e ao estudo de aferição da escala à população portuguesa (Simões, 1993), a estrutura dos quatro fatores forneceu uma representação ajustada dos dados. Ademais, em termos da variância explicada pelos fatores, os nossos resultados foram similares a vários estudos prévios (e.g., Bernstein & Gesn, 1996; Buss & Perry, 1992; Gerevich et al., 2007; Simões, 1993). Assim, de forma genérica, os resultados sugerem que o traço de personalidade agressão é composto por quatro substratos: agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade (Buss & Perry, 1992).

Todavia, apesar da esperada estrutura quadridimensional do AQ ter sido confirmada através de um *design "cross-validation"*, a subescala agressividade verbal apresentou valores pouco satisfatórios. Porém, já no estudo original (Buss & Perry, 1992) como também no estudo de aferição da escala à população nacional (Simões, 1993) se verificou que esta escala foi aquela que revelou menor coeficiente de fidelidade (.72 e .60, respetivamente). De igual modo a análise dos pesos fatoriais revelou uma melhor replicação para os fatores agressividade física, hostilidade e raiva, enquanto a replicabilidade do fator agressividade verbal foi apenas modesta. Consistentemente com outros estudos, a análise dos *fit indices* (GFI, AGFI, CFI, RMSEA) indicaram que a estrutura de quatro fatores apenas representou um ajustamento moderado do modelo aos dados, na linha de alguns estudos (e.g., Archer, Kilpatrick, & Bramwell, 1995; Bryant & Smith, 2001; Gerevich et al., 2007; Harris, 1995), por oposto a outros (Abd-El-Fattah, 2007; Buss & Perry, 1992). Tal facto pode encontrar explicação no reduzido número de itens que compõe esta subescala, por comparação às outras, ou por ela não medir efetivamente a agressividade verbal. Na mesma linha, também os itens individuais que compõem o instrumento evidenciaram problemas, na medida em que em alguns casos não houve correspondência com a escala original. Tal foi especialmente evidente com os itens da subescala agressividade verbal,

o que em parte poderá justificar os problemas com esta mesma subescala ao nível da consistência interna. De facto, pelo menos dois dos itens que por definição compõem a subescala agressividade verbal surgem na nossa análise factorial com saturação superior em outros fatores (itens 6 e 27). Curiosamente, tais itens também se revelaram pouco ortodoxos no estudo de Simões (1993). Assim o item 6, que no presente estudo satura sobretudo no fator “raiva” (cf. Tabela 2) e que no estudo de Simões (1993) satura no fator “agressão verbal” (.19), ainda consegue um valor mais elevado de saturação (.24) neste mesmo fator, no nosso estudo. Quanto ao item 27, o nosso estudo coloca-o claramente no fator “raiva” (cf. Tabela 2), enquanto para Simões (1993) ele pertence à “hostilidade”. Este item gerou dificuldades de tradução já que o termo inglês “argumentative” não encontra um equivalente fácil na nossa língua. Simões (1993) utilizou a palavra “quezilento” que embora correta é pouco usual, preferindo nós adotar a expressão composta “gosto de me meter em discussões”. Em qualquer caso, tais traduções poderão ter contribuído para a deslocalização deste item para outros fatores. Do mesmo modo, podemos estar na presença de uma sobreposição semântica entre algumas das afirmações respeitantes à disputa verbal (e.g., “não consigo evitar discutir com as pessoas quando elas discordam de mim”, “gosto de me meter em discussões”) e a emoção de raiva correspondente, o que em parte poderá explicar tais resultados. Finalmente importa lembrar que esta subescala já tinha demonstrado fraca consistência interna, e que em várias aferições um pouco por todo o mundo (e.g., Collani & Werner, 2005; Gerevich et al., 2007; Harris, 1995; Meesters et al., 1996; Torregrosa, Inglés, Estévez-López, Musitu, & García-Fernández, 2011; Vigil-Colet, Lorenzo-Seva, Codorniu-Raga, & Morales, 2005), tem sido aquela que de uma forma geral cria mais problemas, havendo por isso autores que sugerem a sua eliminação ou reorganização em três fatores, ligando-a com a raiva e optando, por exemplo no caso italiano, por denominá-la “incapacidade de verbalizar a raiva” (e.g., Sommantico, Osorio Guzmán, Parrello, De Rosa, & Donnizetti, 2008). A polémica em torno de uma estrutura de três ou quatro fatores tem sido aliás recorrente, às vezes dentro do mesmo país (e.g., Itália), com o consequente aparecimento de versões reduzidas do AQ (e.g., Abd-El-Fattah, 2007; Bryant & Smith, 2001; Fossati et al., 2003; Rodríguez et al., 2002; Sommantico et al., 2008; Torregrosa et al., 2011; Vigil-Colet et al., 2005). É provável que as disparidades das amostras e sobretudo a sua variabilidade em termos etários possa ajudar a explicar estes desfazamentos mas um dos trabalhos mais recentes – curiosamente uma adaptação do AQ para língua Árabe (Abd-El-Fattah, 2007) – parece não deixar dúvidas sobre a validade do modelo de quatro fatores. Pela nossa parte e tendo presente que estamos num processo de recolha de dados alargado a várias amostras “normais” e clínicas, pensamos que será possível solidificar melhor os dados ora apresentados que, como já se disse, suportam a versão original em quatro fatores, ainda que a “agressividade verbal” apareça menos robusta.

Paralelamente, também outros itens que constituem o AQ, pese embora o valor de maior saturação se apresente na escala a que deveriam por definição pertencer, apresentaram igualmente valores de saturação superiores a .35 noutras subescalas. Estes dados sugerem que, ou alguns dos itens se poderão apresentar redundantes, medindo mais do que uma dimensão da agressividade; ou que pelo menos uma das subescalas que compõem o instrumento evidencia redundância (Bernstein & Gesn, 1997).

Face a tais resultados, considerou-se então pertinente proceder a uma tentativa de reajustamento do modelo multidimensional proposto por Buss e Perry (1992). Neste sentido, à semelhança daquilo que outros autores propuseram (e.g., Bernstein & Gesn, 1997; Harris, 1995; Meesters et al., 1996; Nakano, 2001; Rodríguez et al., 2002), procedeu-se à retirada dos dois itens que apresentaram fatores de saturação inferiores a .35 na subescala agressividade verbal. Efetivamente os resultados revelaram uma ligeira melhoria das propriedades psicométricas da escala. Neste âmbito, a omissão desses dois itens resultou num melhoramento do modelo, o que sugere que esses itens não fornecem informação adicional que justifiquem a sua manutenção.

Por fim, ao nível da validade discriminante, analisada a partir das diferenças entre os indivíduos dos dois sexos, também se verificaram resultados satisfatórios, reforçando ainda as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino (Simões, 1993), com os homens apresentando resultados superiores nas escalas de agressividade física e agressividade verbal. Estes resultados foram similares àqueles reportados em estudos prévios e com amostras distintas (Gerevich et al., 2007; Meesters et al., 1996; Nakano, 2001; Ramirez et al., 2001; Santisteban, Alvarado, & Recio, 2007). Não obstante, por comparação com o estudo original, as magnitudes do efeito foram bastante mais modestas para os fatores agressividade física ( $d=0.70$  vs.  $d=0.89$ ), hostilidade ( $d=0.09$  vs.  $d=0.19$ ), agressividade verbal ( $d=0.19$  vs.  $d=0.44$ ) e para a escala total ( $d=0.31$  vs.  $d=0.57$ ). Já em relação ao fator raiva, na nossa amostra verificou-se uma magnitude do efeito superior ( $d=0.25$  vs.  $d=0.05$ ). Todavia, estes resultados aproximam-se parcialmente dos resultados obtidos por Simões (1993) ao identificarmos um resultado moderado e os restantes pequenos ou desprezíveis, segundo os critérios de Cohen (1988).

A este nível é ainda de notar os resultados superiores obtidos pelos participantes do sexo feminino por comparação aos do sexo masculino, no fator raiva, o que contrasta com os resultados de alguns estudos (e.g., Buss & Perry, 1992; Fossati et al., 2003; Nakano, 2001; Simões, 1993), mas revela proximidade com outros (e.g., Collani & Werner, 2005; Meesters et al., 1996; Santisteban et al., 2007), que encontraram resultados superiores para as mulheres na escala da raiva. Tal pode dever-se, por um lado ao facto de a amostra ser constituída maioritariamente por elementos do sexo feminino. Por outro lado, uma vez que a ira se apresenta como a componente emocional ou afetiva do comportamento agressivo, ou seja, é o elemento que “prepara” para a agressão, pode ser uma componente mais característica das mulheres. Em todo o caso, a passagem ao ato (à agressão) ocorre muito menos frequentemente nas mulheres do que nos homens, provavelmente devido a uma maior capacidade de autocontrolo, em larga medida produto dos processos de socialização que as conduzem a uma maior internalização de condutas agressivas (Vieira & Soeiro, 2002). Tal é sustentado pelo facto de as mulheres pontuarem francamente abaixo dos homens na escala de agressividade física. Em tom de conclusão, e à semelhança de outros estudos (Buss & Perry, 1992; Collani & Werner, 2005; Fossati et al., 2003; Gerevich et al., 2007; Harris, 1995; Nakano, 2001; Ramirez et al., 2001; Simões, 1993), verificou-se que existem diferenças entre homens e mulheres ao nível da pontuação total da agressividade, mas foram de baixa magnitude ( $d=0.31$  e 1.3% da variância explicada pelas diferenças sexuais). A baixa magnitude encontrada deve alertar-nos para o facto de que tais resultados serem expectáveis quando as amostras incluem sujeitos “normais” – a amostra árabe também composta por estudantes universitários, não evidencia qualquer efeito significativo ligado ao género (e.g., Abd-El-Fattah, 2007) – e que a haver esse viés é provável que só o encontremos em sujeitos sinalizados pelos sistemas de saúde mental ou judicial.

## Conclusão

O Questionário de Agressividade de Buss-Perry, destinado a medir quatro das dimensões constituintes deste traço (agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade), revelou-se um instrumento com qualidades psicométricas aceitáveis, com exceção do fator agressividade verbal que revelou um coeficiente de fidelidade bastante baixo. De facto, esta subescala, constituída por apenas 5 itens, merece futuras considerações e reformulações, na medida em que 2 dos seus itens encontraram saturações superiores noutra subescala, o que pode indiciar que não estejam a medir ou avaliar a agressividade verbal. Na análise fatorial confirmatória observou-se esta mesma tendência, verificando-

se uma replicação moderada da subescala agressividade verbal. Do mesmo modo, o modelo testado na análise confirmatória apresentou um ajustamento moderado, o que pode estar relacionado com a modesta replicação da subescala agressividade verbal, já que as outras apresentaram bons índices de replicabilidade. Atendendo a tais resultados, procedeu-se à retirada destes dois itens da análise, verificando-se, com efeito, um ligeiro empoderamento do instrumento.

No que respeita à capacidade discriminante do instrumento, os resultados obtidos confirmaram a sua validade, bem como as tendências observadas noutros estudos em relação às diferenças entre os sexos. Apenas a subescala hostilidade não evidenciou capacidade de discriminação, o que reforça a ausência de diferenças entre os sexos nesta componente da agressividade. Também a subescala raiva, onde as mulheres apresentaram resultados significativamente superiores aos dos homens, reforçou a ideia de que mesmo havendo diferenças entre os sexos, estas não se verificam sempre no mesmo sentido, podendo as mulheres ser comparáveis ou pouco diferenciáveis dos homens, pelo menos naquelas características da agressividade não relacionadas com a passagem ao ato, mas antes com a preparação para a agressão.

Por fim, resta-nos alertar para algumas limitações do presente estudo. Assim, a capacidade de generalização dos resultados obtidos é limitada na medida em que a amostra foi constituída apenas por estudantes universitários (ainda que próxima à do estudo original e de outras aferições), o que dificulta a sua aplicabilidade a outras populações. Do mesmo modo, trata-se de uma tradução de um instrumento em Inglês, o que, atendendo aos resultados obtidos, nomeadamente a dificuldade ao nível da correspondência de alguns dos itens aos fatores inicialmente propostos por Buss e Perry (1992), pode significar a presença de viés cultural. Por último, destacamos o moderado ajustamento do modelo dos 4 fatores, mesmo após uma tentativa de melhoramento do mesmo, o que indica que outras análises deverão ser consideradas, assim como um eventual refinamento de alguns itens.

Ainda assim, e tomando em consideração as conclusões de Collani e Werner (2005), o constructo agressividade assume-se como complexo e composto por diferentes facetas pelo que restringi-lo a uma única dimensão poderia significar uma sobre-simplificação do mesmo. Neste sentido, as diferentes componentes da agressividade devem ser consideradas separadamente, e o instrumento desenvolvido por Buss e Perry (1992) parece ser aquele que, até ao momento, melhor consegue representar tal complexidade.

A existência de diferentes versões/traduições do AQ em língua portuguesa impunha a necessidade de uma tradução criteriosa e de uma análise psicométrica aprofundada deste instrumento. De facto, para além da sua utilização no contexto clínico, o AQ encontra-se bastante divulgado no contexto forense estando incluído em vários protocolos de avaliação, nomeadamente de ofensores (e.g., Gonçalves & Machado, 2005; Matos, Gonçalves, & Machado, 2011). A sua utilização no contexto internacional está também generalizada pelos cinco continentes. Com este estudo, que se pretende constituir como um ponto de partida para futuras análises comparativas com amostras de várias proveniências, julgamos ter criado as condições para que o AQ seja, também entre nós, um instrumento de referência na análise da agressividade e dos seus componentes.

## Referências

Abd-El-Fattah, S. M. (2007). Is the aggression questionnaire bias free? A Rasch analysis. *International Education Journal*, 8(2), 237-248.

- Archer, J., Kilpatrick, G., & Bramwell, R. (1995). Comparison of two aggression inventories. *Aggressive Behavior, 21*, 371-380.
- Arriaga, P., Esteves, F., & Monteiro, M. B. (2004). Estudo psicométrico de duas medidas no âmbito da agressão humana. In J. Vala, M. Garrido, & P. Alcobia (Eds.), *Percursos de investigação em psicologia social e organizacional* (pp. 177-199). Lisboa: Edições Colibri.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Berkowitz, L. (1962). *Aggression: A social psychological analysis*. New York: McGraw Hill.
- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: Its causes, consequences and control*. U.S. Prentice Hall.
- Bernstein, I. H., & Gesn, P. R. (1997). On the dimensionality of the Buss/Perry Aggression Questionnaire. *Behavior Research Therapy, 35*, 563-568.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In A. Bollen & J. S. Long (Orgs.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). Newbury Park, CA: Sage.
- Bryant, F. B., & Smith, B. D. (2001). Refining the architecture of aggression: A measurement model for the Buss-Perry aggression questionnaire. *Journal of Research in Personality, 35*, 138-167.
- Buss, A. H., & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of Consulting Psychology, 21*, 343-349.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 452-459.
- Byrne, B., Stewart, S. M., & Lee, P. W. H. (2004). Validating the Beck Depression Inventory – II for Hong Kong community adolescents. *International Journal of Testing, 4*, 199-216.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis in the behavioral sciences*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Collani, D., & Werner, R. (2005). Self-related and motivational constructs as determinants of aggression: An analysis and validation of a German version of the Buss-Perry Aggression Questionnaire. *Personality and Individual Differences, 38*, 1631-1843.
- Dollard, J. Doob, L., Miller, N., Mowrer, O. & Sears, R. (1939). *Frustration and aggression*. New Haven: Yale Univ. Press.
- Fossatti, A., Maffei, C., Acquarini, E., & Di Ceglie, A. (2003). Multigroup confirmatory component and factor analyses of the Italian version of the aggression questionnaire. *European Journal of Psychological Assessment, 19*, 54-65.
- Gerevich, J., Bácskai, E., & Czobor, P. (2007). The generalizability of the Buss-Perry aggression questionnaire. *International Journal of Methods in Psychiatric Research, 16*(3), 124-136.
- Gonçalves, R. A., & Machado, C. (Coords.). (2005). *Psicologia forense*. Coimbra: Quarteto.
- Harris, J. A. (1995). Confirmatory factor analysis of the aggression questionnaire. *Behavior Research and Therapy, 33*, 991-993.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*, 1-55.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. A. (1970). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Edições Moraes.
- Leigh, D., Pare, C., & Marks, J. (1981). *Enciclopédia concisa de psiquiatria*. Lisboa: Roche.
- Maia, J. A. R. (1996). Um discurso metodológico em torno da validade de constructo: Posições de um lisrelita. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. S. Gonçalves, C. Machado, & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (vol. IV, pp. 43-59). Braga: APPORT.

- Matos, A. P. M. (2004). Violência na televisão e desenvolvimento do comportamento agressivo: O papel da aprendizagem social. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento antissocial e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 251-290). Coimbra: Almedina.
- Matos, M. Gonçalves, R. A., & Machado, C. (Coords.). (2011). *Manual de psicologia forense: Contextos, práticas e desafios*. Braga: Psiquilíbrios.
- Meesters, C., Muris, P., Bosma, H., Schouten, E., & Beuving, S. (1996). Psychometric evaluation of the Dutch version of the aggression questionnaire. *Behaviour Research and Therapy*, 34, 839-843.
- Nakano, K. (2001). Psychometric evaluation on the Japanese adaptation of the aggression questionnaire. *Behavior Research and Therapy*, 39, 853-859.
- Ramirez, J. M., Andreu, J. M., & Fujihara, T. (2001). Cultural sex differences in aggression: A comparison between Japanese and Spanish students using two different inventories. *Aggression Behavior*, 27, 313-322.
- Rego, J. C., & Sani, A. I. (2005). A agressividade em crianças e jovens vítimas de maus-tratos. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *Atas VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp. 113-129). Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.
- Rodríguez, J. M., Fernández, M. E., & Gómez, J. L. (2002). Adaptación psicométrica de la versión española del cuestionario de agresión. *Psicothema*, 14(2), 476-482.
- Santisteban, C., Alvarado, J. M., & Recio, P. (2007). Evaluation of a Spanish version of the Buss and Perry aggression questionnaire: Some personal and situational factors related to the aggression scores of young subjects. *Personality and Individual Differences*, 42, 1453-1465.
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII(3), 387-404.
- Sommantico, M., Osorio Guzmán, M., Parrello, S., De Rosa, B., & Donnizetti, A. R. (2008). Validación de la versión italiana del cuestionario de agresión (AQ) en el sur de Italia. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, 11(4), 28-45.
- Sousa, O. S., Baúto, R. V., Rodrigues, T. P., Soeiro, C., & Almeida, I. (2010). Estudo comparativo de agressividade entre praticantes e não praticantes de desportos de combate-Karate. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio, & M. C. Taveira (Eds.), *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1888-1900). Retirado de <http://www.actassnip2010.com>
- Torregrosa, M. S., Inglés, C. J., Estévez-López, E., Musitu, G., & García-Fernández, J. M. (2011). Evaluación de la conducta violenta en la adolescencia: Revisión de cuestionarios, inventarios y escalas. *Aula Abierta*, 39(1), 37-50.
- Vieira, A., & Soeiro, C. (2002). Agressividade e psicopatia. *Temas Penitenciários, Série II, 8 e 9*, 25-35.
- Vigil-Colet, A., Lorenzo-Seva, U., Codorniu-Raga, M. J., & Morales, F. (2005). Factor structure of the Buss-Perry aggression questionnaire in different samples and languages. *Aggressive Behavior*, 31, 601-608. doi: 10.1002/ab.20097